FACULDADE PERNAMBUCANA DE SAÚDE - FPS

PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – PIC FPS/IMIP

MARIA EDUARDA MONTEIRO DA SILVA

ANÁLISE DA PERSPECTIVA DE ESTUDANTES DE SAÚDE SOBRE A COMUNICAÇÃO DE MÁS NOTÍCIAS A PACIENTES ONCOLÓGICOS

Recife
2026

MARIA EDUARDA MONTEIRO DA SILVA

ANÁLISE DA PERSPECTIVA DE ESTUDANTES DE SAÚDE SOBRE A COMUNICAÇÃO DE MÁS NOTÍCIAS A PACIENTES ONCOLÓGICOS

Relatório Final de Pesquisa desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Iniciação Científica da Faculdade Pernambucana de Saúde (PIC/FPS) e apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso à Faculdade Pernambucana de Saúde, em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Linha de pesquisa: Educação em saúde, comunicação em saúde e formação de profissionais de saúde.

Colaboradoras: Evelyn Hellen Pereira dos Santos Silva, Mariana de Souza Pedrosa e Rackel da Costa Teixeira Melo.

Orientador(a): Rafaella Christine Tenório de Arruda Macedo.

Coorientador: Pedro Paulo Procópio de Oliveira Santos.

Recife
2026

MARIA EDUARDA MONTEIRO DA SILVA

ANÁLISE DA PERSPECTIVA DE ESTUDANTES DE SAÚDE SOBRE A COMUNICAÇÃO DE MÁS NOTÍCIAS A PACIENTES ONCOLÓGICOS

Relatório Final de Pesquisa desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Iniciação Científica da Faculdade Pernambucana de Saúde (PIC/FPS) e apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso à Faculdade Pernambucana de Saúde, em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Data de aprovação: _____/_____/_____.

_____

Rafaella Christine Tenório de Arruda Macedo

Mestre em Enfermagem

_____

Avaliador 1

titulação

_____

Avaliador 2

titulação

RESUMO

Introdução: A comunicação de más notícias constitui uma competência essencial para os profissionais da saúde, especialmente na oncologia, por envolver aspectos técnicos, éticos, emocionais e relacionais que influenciam a qualidade da assistência. Apesar de sua relevância, muitos estudantes ainda não se sentem preparados para conduzir esse tipo de comunicação, evidenciando a necessidade de fortalecer seu ensino durante a graduação. **Objetivos**: Analisar a perspectiva de estudantes de Enfermagem, Medicina e Psicologia sobre as habilidades de comunicação, com ênfase na comunicação de más notícias a pacientes oncológicos. **Métodos**: Estudo descritivo, transversal, de abordagem quantitativa, realizado com estudantes de Enfermagem, Medicina e Psicologia de uma instituição privada de ensino superior. Os dados foram coletados por meio de questionário eletrônico estruturado, composto por questões sociodemográficas, acadêmicas e por uma escala Likert adaptada da *Communication Skills Attitude Scale* (CSAS), sendo submetidos à análise estatística descritiva. **Resultados**: Participaram do estudo 99 estudantes. Observou-se elevada valorização das habilidades de comunicação e reconhecimento de sua importância para a prática profissional. A maioria dos participantes reconheceu que essas habilidades podem ser desenvolvidas durante a graduação e valorizou metodologias ativas, como simulações clínicas, estudos de caso, feedback individualizado e protocolos estruturados. Apesar da percepção favorável sobre o ensino da comunicação, parte dos estudantes ainda relatou não se sentir plenamente preparada para comunicar más notícias. **Discussão**: Os achados evidenciam que os estudantes reconhecem a comunicação de más notícias como competência essencial para a prática em saúde, mas apontam a necessidade de ampliar experiências práticas e estratégias de ensino durante a graduação. A comparação entre estudantes de Enfermagem, Medicina e Psicologia ampliou a compreensão sobre a formação multiprofissional nessa temática. **Conclusões**: Os estudantes reconhecem a comunicação de más notícias como competência essencial para a prática profissional, porém ainda identificam necessidades relacionadas ao fortalecimento do ensino prático durante a graduação. Os achados reforçam a importância de estratégias educacionais voltadas ao desenvolvimento longitudinal das habilidades comunicacionais e ao fortalecimento da formação multiprofissional em saúde.

Palavras-chave: Formação Profissional. Comunicação em Saúde. Educação em Saúde. Estudantes de Ciências da Saúde. Oncologia.

ABSTRACT

Introduction: Breaking bad news is an essential competency for healthcare professionals, particularly in oncology, as it involves technical, ethical, emotional, and relational aspects that influence the quality of patient care. Despite its importance, many students still do not feel prepared to conduct this type of communication, highlighting the need to strengthen its teaching during undergraduate education. **Objectives:** To analyze the perspectives of Nursing, Medicine, and Psychology students regarding communication skills, with an emphasis on breaking bad news to oncology patients. **Methods:** This descriptive, cross-sectional study with a quantitative approach was conducted among Nursing, Medicine, and Psychology students at a private higher education institution. Data were collected using a structured electronic questionnaire comprising sociodemographic and academic questions, as well as a Likert-scale instrument adapted from the *Communication Skills Attitude Scale* (CSAS). Data were analyzed using descriptive statistics. **Results:** A total of 99 students participated in the study. The findings revealed a high appreciation of communication skills and recognition of their importance for professional practice. Most participants acknowledged that these skills can be developed during undergraduate education and valued active learning strategies, such as clinical simulations, case-based learning, individualized feedback, and structured communication protocols. Despite a favorable perception of communication skills training, some students still reported not feeling fully prepared to break bad news. **Discussion:** The findings indicate that students recognize breaking bad news as an essential competency for healthcare practice but highlight the need to expand practical learning experiences and teaching strategies throughout undergraduate education. Comparing Nursing, Medicine, and Psychology students contributed to a broader understanding of interprofessional education in this field. **Conclusions:** Students recognize breaking bad news as an essential professional competency; however, they also identify the need to strengthen practical training during undergraduate education. The findings reinforce the importance of educational strategies aimed at the longitudinal development of communication skills and the strengthening of interprofessional healthcare education.

Keywords: Professional Training. Health Communication. Health Education. Students. Health Occupations. Medical Oncology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Score médio das respostas às afirmações da escala Likert, geral ……..27

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Variáveis sociodemográfica e acadêmica dos participantes …….16

Tabela 2. Variáveis treinamento prévio em habilidades de comunicação ……17

Tabela 3. Distribuição percentual das respostas às afirmações da escala Likert, geral ……...18

Tabela 4. Distribuição das respostas dos estudantes às afirmações da escala Likert, segundo o curso de graduação ……...21

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CSAS	Communication Skills Attitude Scale
FPS	Faculdade Pernambucana de Saúde
IMIP	Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueira
PIC	Programa Institucional de Iniciação Científica
SPIKES	Setting, Perception, Invitation, Knowledge, Emotions, Strategy and Summary
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO ……...9
2 MÉTODO ……..14
3 RESULTADOS ……..16
4 DISCUSSÃO ……..28
5 CONCLUSÃO ……...44
6 REFERÊNCIAS ……46

1 INTRODUÇÃO

A comunicação pode ser entendida como uma prática social diante da interação entre seres humanos, podendo, assim, haver troca de emoções, ideias, informações e conhecimentos[1]. Dentro da área da comunicação, há a comunicação em saúde, que se concentra na troca de informações entre profissionais de saúde, pacientes e suas famílias, envolvendo uma ampla gama de atividades comunicativas, desde a explicação de diagnósticos e tratamentos até o aconselhamento sobre estilo de vida saudável e prevenção de doenças[2].

Essa forma de comunicação é essencial para garantir a compreensão mútua, promover a adesão ao tratamento, reduzir a ansiedade e o medo dos pacientes, e melhorar a qualidade dos cuidados de saúde. Além disso, a comunicação eficaz em saúde requer habilidades de escuta ativa, empatia, clareza na transmissão de informações complexas, e sensibilidade cultural para atender às necessidades e preferências individuais dos pacientes[1].

Através desse contexto, encontra-se a comunicação de más notícias na área da saúde, que é um tema delicado, porém crucial, devido a sensações desagradáveis e complexidades emocionais, tanto para os profissionais de saúde quanto para os pacientes e seus familiares. Dessa forma, diagnósticos de doenças graves, prognósticos desafiadores e, principalmente, a comunicação do falecimento de um ente querido demandam não apenas conhecimentos técnicos, mas também uma preparação emocional e uma assistência humanizada por parte dos profissionais de saúde[2,3]. Comunicar más notícias é uma das tarefas mais desafiadoras para profissionais de saúde, especialmente quando se trata de pacientes oncológicos.

Em síntese, o câncer é um conjunto de doenças que apresentam um crescimento desordenado de células e, também, acometem tecidos vizinhos, o que pode levar a metástases[4,5]. Em suma, é uma patologia que vem alcançando muitos pacientes em todos os países, com cerca de 781 mil casos de câncer estimados para o triênio 2026–2028, com cerca de 256 mil casos em homens e 262 mil em mulheres[6].

Ao lidar com pacientes oncológicos, a comunicação de más notícias não se limita apenas à transmissão de informações sobre o diagnóstico ou o prognóstico da doença, envolve, também, fornecer suporte emocional, ajudar os pacientes a entender e processar a informação e auxiliá-los na tomada de decisões difíceis relacionadas ao tratamento e cuidados paliativos[7,8]. Todos os profissionais de saúde, dessa forma, têm o desafio de comunicar

informações difíceis, embora seja responsabilidade do médico transmitir prognósticos e notícias de falecimento de entes queridos[9].

Assim, além de fornecer informações precisas sobre o diagnóstico e o prognóstico, o médico também desempenha um papel crucial na orientação do paciente através do processo de compreensão e aceitação[10]. Nesse cenário, a comunicação adequada se torna uma ferramenta fundamental, capaz não só de informar, mas também de fortalecer os laços de confiança e respeito entre pacientes, familiares e profissionais envolvidos.

A equipe de enfermagem tem grande relevância no processo de comunicação, já que é o profissional que se torna presente na maior parte do período da internação, criando um vínculo com o cliente e a família que se encontram fragilizados psicologicamente. Diante disso, engloba a promoção do conforto e melhor qualidade do tratamento e sua aceitação, além da elaboração de protocolos terapêuticos de Enfermagem na prevenção, tratamento e minimização dos efeitos colaterais apresentados. O profissional de enfermagem vê o paciente como um ser holístico, atentando-se a todos os aspectos do paciente, doença e ser humano, visando às suas necessidades básicas, culturais e valores[5],[11].

O paciente oncológico é permeado por diversos impactos emocionais e, no que se refere a isso, causado, também, pela comunicação de más notícias, considera-se essencial o trabalho da Psicologia nesse processo. Dessa forma, a sua atuação, no contexto hospitalar, pode ocorrer em três momentos diferentes: a priori, posteriori ou durante o processo da comunicação da má notícia feita pelo médico[12].

Nesse cenário, se o atendimento psicológico ocorrer antes da comunicação, pode-se realizar investigações quanto aos sentimentos do paciente em relação ao seu quadro de enfermidade e como está sendo o seu processo de hospitalização, bem como realizar uma discussão de caso com sua equipe de saúde. Ademais, quando o atendimento ocorre após a informação, a Psicologia pode atuar realizando intervenções que gerem o acolhimento e validação das emoções e sentimentos do paciente e família[12].

A equipe multiprofissional se torna essencial nesse processo, visto que o médico, enfermeiro e o psicólogo podem atuar em conjunto para que a comunicação seja realizada de maneira mais humanitária, respeitando a subjetividade do paciente oncológico e o enxergando de uma maneira holística. Dessa forma, o trabalho multiprofissional se torna de extrema importância, visto que a comunicação em oncologia possui uma magnitude importante na vida

do paciente[12].

Sendo assim, a formação de estudantes de saúde é uma parte crucial do desenvolvimento de profissionais capazes e compassivos. Um aspecto fundamental dessa formação é a comunicação de más notícias, que ainda é pouco abordada durante a formação acadêmica. Quando o profissional de saúde lida com situações delicadas e emocionalmente desafiadoras, como diagnósticos graves ou prognósticos difíceis, a maneira como essa informação é transmitida pode ter um impacto significativo no paciente, na família e até mesmo no próprio profissional de saúde[13].

Os estudantes de saúde precisam ser treinados não apenas em aspectos técnicos, mas também em habilidades de comunicação interpessoal. Nesse contexto, isso inclui aprender a criar um ambiente de apoio e compreensão, a adaptar a linguagem para o entendimento do paciente e a lidar com as reações emocionais que podem surgir. Com o desenvolvimento dessas habilidades, os futuros profissionais se tornam mais eficazes e compassivos, aprendendo a estabelecer uma conexão empática com os pacientes, a ouvir ativamente suas preocupações e a responder de maneira sensível e respeitosa, o que ajuda não só na experiência do paciente, mas também na forma como o tratamento continuará fortalecendo a relação terapêutica[13].

A medicina contemporânea, tanto no âmbito acadêmico, quanto no profissional, enfrenta demandas com renovações, e com a necessidade de uma abordagem e um manejo mais humanizado e empático, deixando para trás aquele modelo paternalista tradicional. Esse modelo já não sanava mais algumas questões humanísticas dos pacientes, gerando, muitas vezes, abandono do tratamento e descontentamento. Diante disto, tornou-se essencial a integração das esferas biológicas, sociais, psicológicas e espirituais do ser humano, visto que é um ser biopsicossocial[14].

Neste contexto, observa-se a necessidade de formação de profissionais mais bem preparados para lidar com situações emocionalmente delicadas como a comunicação de más notícias, especialmente no contexto da oncologia, onde o impacto psicológico é significativo e exige maior sensibilidade, preparo e empatia.

No Brasil, a formação acadêmica em saúde ainda apresenta lacunas na preparação dos estudantes para a comunicação de más notícias. Muitos currículos não incluem treinamento específico nessa área, o que pode levar à insegurança e à falta de habilidades adequadas entre

os futuros profissionais[15]. Além disso, a ausência de protocolos padronizados e a falta de oportunidades para a prática supervisionada contribuem para essa deficiência na formação[16].

Ainda sobre o sentimento de despreparo em estudantes e profissionais na comunicação de más notícias, estudos indicam que a maioria dos estudantes de medicina reconhece a importância da comunicação de más notícias, mas muitos se sentem despreparados para realizá-la adequadamente[16].

Ademais, Isquierdo (2021)[17] postula que a comunicação de más notícias, especialmente em oncologia, é uma das tarefas mais desafiadoras para os profissionais de saúde, envolvendo não apenas a transmissão de informações difíceis, mas também o suporte emocional aos pacientes e suas famílias. Estudos indicam que muitos profissionais se sentem despreparados para essa tarefa, o que pode afetar negativamente a relação médico-paciente.

Diante disso, a literatura traz como a comunicação inadequada de más notícias pode resultar em conflitos éticos, especialmente quando há divergências entre o desejo do paciente de ser informado e a decisão da equipe médica de omitir informações para "proteger" o paciente[18]. Para enfrentar esses desafios, é fundamental que as instituições de ensino em saúde incorporem em seus currículos estratégias de ensino que desenvolvam as habilidades de comunicação dos estudantes. Isso inclui o uso de simulações com pacientes padronizados, discussões de casos clínicos e a implementação de protocolos, que orientam os profissionais sobre como conduzir a comunicação de más notícias de forma estruturada e empática[17].

Apesar dos avanços na discussão do tema, ainda são escassas as pesquisas que avaliam a percepção dos estudantes quanto à sua formação e preparo para a comunicação de más notícias no contexto oncológico. Essa lacuna evidencia a importância de investigações voltadas à análise do ensino dessa temática nas graduações da área da saúde, especialmente considerando o impacto direto na qualidade do cuidado prestado.

Nesse contexto, aprimorar as habilidades de comunicação tornou-se fundamental, principalmente na comunicação de más notícias, buscando como meio a utilização do Protocolo SPIKES. Esse protocolo, desenvolvido pelo médico oncologista Robert Buckman, tem como objetivo a preparação do profissional de saúde, o convite para o diálogo, a transmissão da notícia, o acolhimento das emoções de quem está recebendo a notícia, a retomada do que foi dito, a compreensão do que foi estabelecido, e a percepção do paciente quanto à recepção da informação[14,19].

Observa-se que, na prática, esse protocolo ainda é pouco utilizado, comparado à sua importância e os seus benefícios, visto que, nos meios acadêmicos e nos cursos de educação permanente, há uma carência de ensino. Sendo assim, muitos profissionais da área da saúde se encontram despreparados para lidar com situações e informações estressantes, podendo trazer riscos e danos psicológicos[14],[19].

Diante do exposto anteriormente, este estudo teve como objetivo analisar a perspectiva de estudantes da área da saúde sobre a comunicação de más notícias a pacientes oncológicos. Especificamente, buscou caracterizar o perfil sociodemográfico e acadêmico dos participantes, compreender sua percepção acerca do preparo para comunicar más notícias, identificar as estratégias consideradas mais úteis para o desenvolvimento dessa habilidade e analisar a influência do ambiente acadêmico nesse processo.

2 MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo, de delineamento transversal e abordagem quantitativa, desenvolvido com estudantes dos cursos de Medicina, Enfermagem e Psicologia da Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS). O estudo teve como objetivo analisar a perspectiva dos estudantes da área da saúde sobre a comunicação de más notícias a pacientes oncológicos, considerando suas percepções, atitudes e experiências relacionadas ao ensino dessa competência durante a formação acadêmica.

A pesquisa foi realizada na Faculdade Pernambucana de Saúde, localizada no município de Recife, Pernambuco. A coleta de dados ocorreu no período de 4 de novembro de 2025 a 25 de maio de 2026, por meio da plataforma Google Forms.

A população do estudo foi composta por estudantes regularmente matriculados nos cursos de Medicina, Enfermagem e Psicologia da instituição. Inicialmente, 152 estudantes responderam ao questionário. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 53 participantes foram excluídos, sendo 4 por não pertencerem à Faculdade Pernambucana de Saúde, 41 por não terem tido contato com pacientes oncológicos e 8 por não atenderem a ambos os critérios. Dessa forma, a amostra final foi constituída por 99 estudantes, selecionados por conveniência mediante técnica de amostragem não probabilística do tipo *snowball sampling* (bola de neve), na qual os participantes eram convidados a compartilhar o link da pesquisa com outros estudantes que atendessem aos critérios de elegibilidade.

Foram incluídos estudantes maiores de 18 anos, regularmente matriculados nos cursos de Medicina, Enfermagem ou Psicologia da Faculdade Pernambucana de Saúde, que haviam realizado estágio, vivência clínica em oncologia ou tido contato com pacientes oncológicos e que concordaram em participar da pesquisa mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram excluídos os estudantes que não preencheram integralmente o questionário ou que não atenderam aos critérios de inclusão.

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário eletrônico estruturado, elaborado na plataforma Google Forms. Inicialmente, os participantes tiveram acesso ao TCLE e, após manifestarem concordância em participar do estudo, responderam ao instrumento de coleta. O questionário permaneceu disponível durante todo o período de coleta. O tempo médio para o preenchimento foi de aproximadamente 15 minutos.

O instrumento de coleta foi composto por 31 questões distribuídas em três dimensões: dados sociodemográficos, dados acadêmicos e percepções, atitudes e experiências relacionadas ao ensino e à prática da comunicação de más notícias. As questões referentes às percepções, atitudes e experiências foram respondidas por meio de uma escala do tipo Likert de cinco pontos, variando de Discordo totalmente a Concordo totalmente.

Os dados obtidos foram exportados para um arquivo em formato CSV e posteriormente processados e analisados utilizando a linguagem de programação Python, por meio da biblioteca *pandas*. Foi realizada análise estatística descritiva dos dados, com apresentação das variáveis categóricas em frequências absolutas e relativas, enquanto as variáveis numéricas foram descritas por meio de medidas de tendência central e de dispersão.

A pesquisa foi conduzida em conformidade com os princípios éticos estabelecidos pela Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Pernambucana de Saúde, sob parecer nº 7.878.337, CAAE nº 92217625.0.0000.5569, aprovado em novembro de 2025. Todos os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa, os riscos e benefícios, a garantia de sigilo e confidencialidade das informações e a possibilidade de desistir da participação a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

3 RESULTADOS

Inicialmente, 152 estudantes responderam ao questionário. Após a aplicação dos critérios de elegibilidade, 53 participantes foram excluídos, sendo quatro (7,5%) por não pertencerem à Faculdade Pernambucana de Saúde, 41 (77,4%) por não terem tido contato com pacientes oncológicos e oito (15,1%) por não atenderem a ambos os critérios de inclusão. Assim, a amostra final foi composta por 99 estudantes.

Tabela 1. Variáveis sociodemográfica e acadêmica dos participantes

Caracterização sociodemográfica e acadêmica	**n**	**%**
Gênero		
Feminino	78	78.8
Masculino	20	20.2
Outro/Não informado	1	1
Idade		
18 a 25 anos	82	83.7
26 a 30 anos	9	9.2
31 anos ou mais	7	7.1
Curso		
Enfermagem	39	39.4
Medicina	34	34.3
Psicologia	26	26.3
Período		
1º período	3	3
2º período	4	4
3º período	14	14.1
4º período	4	4
5º período	16	16.2
6º período	13	13.1
7º período	7	7.1
8º período	28	28.5
9º período	7	7.1
10º período	1	1
11º período	1	1
12º período	1	1

Fonte: Elaborado pelos autores.

As características sociodemográficas e acadêmicas dos participantes estão apresentadas na Tabela 1. Observou-se predominância do sexo feminino (78,8%), de estudantes com idade entre 18 e 25 anos (83,7%) e do curso de Enfermagem (39,4%), seguido por Medicina (34,3%) e Psicologia (26,3%). Em relação ao período acadêmico, verificou-se maior concentração de participantes no oitavo período (28,3%), seguido do quinto (16,2%) e do terceiro período (14,1%).

As informações referentes ao treinamento prévio em habilidades de comunicação estão apresentadas na Tabela 2. Observou-se que a maioria dos participantes relatou já ter recebido algum tipo de treinamento durante a graduação, correspondendo a 81 estudantes (81,8%), enquanto 18 (18,2%) informaram não ter participado de atividades formais voltadas ao desenvolvimento dessa competência.

Tabela 2. Variáveis treinamento prévio em habilidades de comunicação.

Treinamento em comunicação	**n**	**%**
Sim	81	81.8%
Não	18	18.2%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os resultados das respostas à escala Likert sobre a percepção dos estudantes em relação às habilidades de comunicação encontram-se apresentados na Tabela 3. De modo geral, observou-se elevada concordância com a importância do ensino e do desenvolvimento das habilidades comunicacionais durante a graduação.

As maiores frequências de concordância foram observadas nas afirmações de que aprender habilidades de comunicação contribui para o respeito aos pacientes, melhora a compreensão do sofrimento do paciente, favorece a atuação em equipe multiprofissional, reduz conflitos com pacientes e familiares e torna o estudante um profissional mais eficaz, todas com mais de 95% das respostas distribuídas entre "Concordo totalmente" e "Concordo".

Em relação às estratégias de ensino, também houve ampla aceitação entre os participantes. Os estudos de caso foram considerados úteis por 98,0% dos estudantes (64,6% concordaram totalmente e 34,3% concordaram), as simulações em ambientes simulados por 93,9% (63,3% e 30,6%, respectivamente), o feedback individualizado por 99,0% (75,8% e 23,2%), os protocolos de comunicação, como o SPIKES, por 94,0% (67,7% e 26,3%) e as

discussões ou reflexões em grupo por 97,0% (65,7% e 31,3%), evidenciando elevada aceitação dessas estratégias para o desenvolvimento das habilidades de comunicação.

Por outro lado, as afirmações negativas apresentaram predominância de discordância. Na afirmação de que as "Acredito que as habilidades de comunicação clínicas só podem ser desenvolvidas com a experiência, e não ensinadas", 63,3% dos estudantes discordaram ou discordaram totalmente, enquanto apenas 24,5% concordaram com essa ideia. Resultado semelhante foi observado para a afirmação de que não é necessário ensinar habilidades de comunicação na graduação, rejeitada por 85,8% dos participantes (73,7% discordaram totalmente e 12,1% discordaram), evidenciando amplo reconhecimento da importância do ensino formal dessas competências.

As maiores divergências entre os estudantes foram observadas nas questões relacionadas ao conforto em ser observado durante atividades de comunicação e à ansiedade durante avaliações práticas. Nessas afirmações, as respostas distribuíram-se entre concordância, neutralidade e discordância, indicando percepções heterogêneas quanto à exposição e ao processo avaliativo.

Por fim, embora a maioria dos participantes tenha concordado que sua instituição oferece oportunidades para o desenvolvimento das habilidades de comunicação, essa foi uma das afirmações com menor percentual de concordância (80,8%), apresentando maior frequência de respostas neutras (18,2%) em comparação às demais questões do instrumento.

Tabela 3. Distribuição percentual das respostas às afirmações da escala Likert, geral.

Pergunta	Concordo totalmente n (%)	Concordo n (%)	Neutro n (%)	Discordo n (%)	Discordo totalmente n (%)
Aprender habilidades de comunicação contribui para que eu respeite mais os pacientes.	82 (82.8%)	17 (17.2%)	-	-	-
Saber se comunicar bem é tão importante quanto saber diagnosticar e tratar.	66 (66.7%)	26 (26.3%)	5 (5.1%)	2 (2%)	-
Aprender habilidades de comunicação me ajuda a lidar melhor com os aspectos emocionais da prática profissional.	68 (69.4%)	25 (25.5%)	4 (4,1%)	1 (1%)	-
Considero que habilidades de comunicação são tão importantes quanto outras	56 (55.6,%)	31 (31.3%)	7 (7.1%)	4 (4%)	1 (1%)

habilidades clínicas.					
Sinto-me confortável ao ser observado enquanto realizo habilidades de comunicação.	25 (25.3%)	34 (34.3%)	18 (18.2%)	18 (18.2%)	4 (4%)
Sinto-me ansioso(a) quando sou avaliado(a) em habilidades de comunicação.	13 (13.1%)	32 (32.3%)	33 (33.3%)	17 (17.2%)	4 (4%)
Ter confiança ao se comunicar com pacientes me torna um(a) profissional melhor.	72 (72.7%)	24 (24.2%)	3 (3%)	-	-
Após treinamentos, sinto-me preparado(a) para conversar com pacientes em situações difíceis.	35 (35.4%)	52 (51.5%)	6 (6.1%)	7 (7.1%)	-
Praticar a comunicação clínica me ajuda a compreender melhor o sofrimento do paciente.	60 (60.6%)	36 (36.4%)	3 (3%)	-	-
Acredito que as habilidades de comunicação clínicas só podem ser desenvolvidas com a experiência, e não ensinadas.	15 (15.3%)	9 (9.2%)	12 (12.2%)	44 (44.9%)	18 (18.4%)
Acredito que não é necessário ensinar habilidades de comunicação na graduação em saúde.	7 (7.1%)	4 (4%)	3 (3%)	12 (12.1%)	73 (73.7%)
Aprender habilidades de comunicação me torna um(a) profissional mais eficaz.	76 (76.8%)	20 (20.2%)	-	2 (2%)	1 (1%)
Acredito que simulações clínicas e estudos de caso são estratégias eficazes para desenvolver habilidades de comunicação.	64 (64.6%)	34 (34.3%)	-	1 (1%)	-
Participar de discussões ou reflexões em grupo após experiências clínicas ajuda a aprimorar minha comunicação.	65 (65.7%)	31 (31.3%)	2 (2%)	1 (1%)	-
O uso de protocolos, como o SPIKES, contribui para melhorar a comunicação de más notícias.	67 (67.7%)	26 (26.3%)	6 (6.1%)	-	-
Considero útil praticar habilidades de comunicação em ambientes simulados.	62 (63.3%)	30 (30.6%)	5 (5.1%)	1 (1%)	-
Considero que receber feedback individualizado após simulações ou atendimentos clínicos melhora minhas habilidades de comunicação.	75 (75.8%)	23 (23.2%)	1 (1%)	-	-
Sinto que o ambiente acadêmico estimula a empatia e a escuta ativa com os pacientes	57 (57.6%)	24 (24.2%)	8 (8.1%)	10 (10.1%)	-
O apoio dos professores e preceptores	64 (64.6%)	30 (30.3%)	3 (3%)	1 (1%)	1 (1%)

influencia positivamente minha forma de comunicar más notícias					
Ter boas habilidades de comunicação ajuda a reduzir conflitos com pacientes e familiares.	78 (78.8%)	18 (18.2%)	3 (3%)	-	-
Aprender habilidades de comunicação é útil para a prática em equipe multiprofissional.	77 (77.8%)	19 (19.2%)	3 (3%)	-	-
Sinto-me motivado(a) a melhorar minha capacidade de comunicação com os pacientes.	66 (67.3%)	28 (28.6%)	4 (4.1%)	-	-
Acredito que minha instituição poderia oferecer mais oportunidades práticas para o desenvolvimento da comunicação com pacientes oncológicos.	48 (48.5%)	32 (32.3%)	18 (18.2%)	1 (1%)	-
Consigo perceber como as habilidades de comunicação se aplicam na prática clínica.	62 (62.6%)	34 (34.3%)	2 (2%)	1 (%)	-

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os resultados da distribuição das respostas à escala Likert segundo o curso de graduação encontram-se apresentados na Tabela 4. De modo geral, estudantes de Enfermagem, Medicina e Psicologia apresentaram elevada valorização das habilidades de comunicação, embora algumas afirmações tenham evidenciado diferenças na distribuição das respostas entre os grupos.

Nas afirmações relacionadas à importância das habilidades de comunicação e à sua contribuição para a formação profissional, observou-se elevada concordância entre os três cursos, com pequenas diferenças entre as frequências de respostas.

Em relação à afirmação de que as habilidades de comunicação só podem ser desenvolvidas com a experiência e não ensinadas, observaram-se diferenças entre os cursos. A Psicologia apresentou o maior percentual de discordância (72,0%), seguida pela Enfermagem (64,1%) e pela Medicina (55,9%). Em contrapartida, os estudantes de Medicina apresentaram a maior proporção de respostas favoráveis à afirmação (32,4%), enquanto na Psicologia esse percentual foi de 16,0%.

Resultado semelhante foi observado na afirmação de que não é necessário ensinar habilidades de comunicação durante a graduação. Em todos os cursos predominou a discordância, sendo mais frequente entre os estudantes de Psicologia (96,1%), seguida por

Enfermagem (87,2%) e Medicina (76,5%).

Quanto às estratégias de ensino, as diferenças também foram observadas. Na utilização de ambientes simulados para o desenvolvimento das habilidades de comunicação, a concordância foi de 96,0% entre os estudantes de Psicologia, 94,1% entre os de Medicina e 92,3% entre os de Enfermagem. Entretanto, apenas na Psicologia foram registradas respostas de discordância (4,0%).

Na afirmação de que o ambiente acadêmico estimula a empatia e a escuta ativa com os pacientes, os estudantes de Enfermagem apresentaram a maior proporção de concordância (94,9%), seguidos pelos estudantes de Medicina (79,4%). Entre os estudantes de Psicologia, a concordância foi de 65,4%, acompanhada pelos maiores percentuais de respostas neutras (15,4%) e de discordância (19,2%).

Em relação ao apoio dos professores na aprendizagem da comunicação de más notícias, observou-se concordância de 100,0% entre os estudantes de Enfermagem, 94,1% entre os de Medicina e 88,5% entre os de Psicologia. Nesta última, também foi observado maior percentual de respostas neutras (11,5%).

Por fim, quanto à percepção de que a instituição poderia oferecer mais oportunidades práticas para o desenvolvimento das habilidades de comunicação, observou-se elevada concordância entre os estudantes de Psicologia (92,3%) e Enfermagem (82,1%). Entre os estudantes de Medicina, embora 70,6% tenham apresentado respostas favoráveis, registou-se o maior percentual de respostas neutras (29,4%), em comparação à Enfermagem (15,4%) e à Psicologia (7,7%).

Tabela 4. Distribuição das respostas dos estudantes às afirmações da escala Likert, segundo o curso de graduação.

Pergunta	**Concordo totalmente n (%)**	**Concordo n (%)**	**Neutro n (%)**	**Discordo n (%)**	**Discordo totalmente n (%)**
Aprender habilidades de comunicação contribui para que eu respeite mais os pacientes.					
Enfermagem	37 (94.9%)	2 (5.1%)	-	-	-

Medicina	24 (70.6%)	10 (29.4%)	-	-	-
Psicologia	21 (80.8%)	5 (19.2%)	-	-	-
Saber se comunicar bem é tão importante quanto saber diagnosticar e tratar.					
Enfermagem	28 (71.8%)	8 (20.5%)	3 (7.7%)	-	-
Medicina	22 (64.7%)	11 (32.3%)	-	1 (2.9%)	-
Psicologia	16 (61.4%)	7 (26.9%)	2 (7.7%)	1 (3.8%)	-
Aprender habilidades de comunicação me ajuda a lidar melhor com os aspectos emocionais da prática profissional.					
Enfermagem	31 (81.6%)	7 (18.4%)	-	-	-
Medicina	21 (61.8%)	10 (29.4%)	3 (8.8%)	-	-
Psicologia	16 (61.5%)	8 (30.8%)	1 (3.8%)	1 (3,8%)	-
Considero que habilidades de comunicação são tão importantes quanto outras habilidades clínicas.					
Enfermagem	25 (64.1%)	12 (30.8%)	1 (2.6%)	1 (2.6%)	-
Medicina	14 (41.2%)	13 (38.2%)	4 (11.8%)	3 (8.8%)	-
Psicologia	17 (65.4%)	6 (23.1%)	2 (7.7%)	-	1 (3.8%)
Sinto-me confortável ao ser observado enquanto realizo habilidades de comunicação.					
Enfermagem	8 (20.5%)	12 (30.8%)	10 (25.6%)	9 (23.1%)	-
Medicina	8 (23.5%)	14 (41.2%)	5 (14.7%)	6 (17.6%)	1 (2.9%)
Psicologia	9 (34.6%)	8 (30.8%)	3 (11.5%)	3 (11.5%)	3 (11,5%)
Sinto-me ansioso(a) quando sou avaliado(a) em habilidades de comunicação.					
Enfermagem	7 (17.9%)	10 (25.6%)	14 (35.9%)	7 (17.9%)	1 (2.6%)

Medicina	2 (5.9%)	13 (38.2%)	12 (35.3%)	6 (17.6%)	1 (2.9%)
Psicologia	4 (15.4%)	9 (34.6%)	7 (26.9%)	4 (15.4%)	2 (7.7%)
Ter confiança ao se comunicar com pacientes me torna um(a) profissional melhor.					
Enfermagem	30 (76.9%)	9 (23.1%)	-	-	-
Medicina	24 (70.6%)	9 (26.5%)	1 (2.9%)	-	-
Psicologia	18 (69.2%)	6 (23.1%)	2 (7.7%)	-	-
Após treinamentos, sinto-me preparado(a) para conversar com pacientes em situações difíceis.					
Enfermagem	17 (43.6%)	19 (48.7%)	3 (7.7%)	-	-
Medicina	10 (29.4%)	18 (52.9%)	2 (5.9%)	4 (11.8%)	-
Psicologia	8 (30.8%)	14 (53.8%)	1 (3.8%)	3 (11.5%)	-
Praticar a comunicação clínica me ajuda a compreender melhor o sofrimento do paciente.					
Enfermagem	23 (59%)	15 (38.5%)	1 (2.6%)	-	-
Medicina	22 (64.7%)	10 (29.4%)	2 (5.9%)	-	-
Psicologia	15 (57.7%)	11 (42.3%)	-	-	-
Acredito que as habilidades de comunicação clínicas só podem ser desenvolvidas com a experiência, e não ensinadas.					
Enfermagem	6 (15.4%)	3 (7.7%)	5 (12.8%)	15 (38.5%)	10 (25.6%)
Medicina	8 (23.5%)	3 (8.8%)	4 (11.8%)	15 (44.1%)	14 (11.8%)
Psicologia	1 (4%)	3 (12%)	3 (12%)	14 (56%)	4 (16%)
Acredito que não é necessário ensinar habilidades de comunicação na graduação em saúde.					
Enfermagem	2 (5.1%)	2 (5.1%)	1 (2.6%)	7 (17.9%)	27 (69.2%)
Medicina	5 (14.7%)	2 (5.9%)	1 (2.9%)	3 (8.8%)	23 (67.6%)

Psicologia	-	-	1 (3.8%)	2 (7.7%)	23 (88.5%)
Aprender habilidades de comunicação me torna um(a) profissional mais eficaz.					
Enfermagem	33 (84.6%)	6 (15.4%)	-	-	-
Medicina	24 (70.6%)	9 (26.5%)	-	-	1 (2.9%)
Psicologia	19 (73.1%)	5 (19.2%)	-	2 (7.7%)	-
Acredito que simulações clínicas e estudos de caso são estratégias eficazes para desenvolver habilidades de comunicação.					
Enfermagem	30 (76.9%)	9 (23.1%)	-	-	-
Medicina	19 (55.9%)	14 (41.2%)	-	1 (2.9%)	-
Psicologia	15 (57.7%)	11 (42.3%)	-	-	-
Participar de discussões ou reflexões em grupo após experiências clínicas ajuda a aprimorar minha comunicação.					
Enfermagem	26 (66,7%)	12 (30.8%)	1 (2.6%)	-	-
Medicina	22 (64.7%)	10 (29.4%)	1 (2.9%)	1 (2.9%)	-
Psicologia	17 (65.4%)	9 (34.6%)	-	-	-
O uso de protocolos, como o SPIKES, contribui para melhorar a comunicação de más notícias.					
Enfermagem	28 (71.8%)	9 (23.1%)	2 (5.1%)	-	-
Medicina	23 (67.6%)	10 (29.4%)	1 (2.9%)	-	-
Psicologia	16 (61.5%)	7 (26.9%)	3 (11.5%)	-	-
Considero útil praticar habilidades de comunicação em ambientes simulados.					
Enfermagem	23 (59%)	13 (33.3%)	3 (7.7%)	-	-
Medicina	24 (70.6%)	8 (23.5%)	2 (5.9%)	-	-

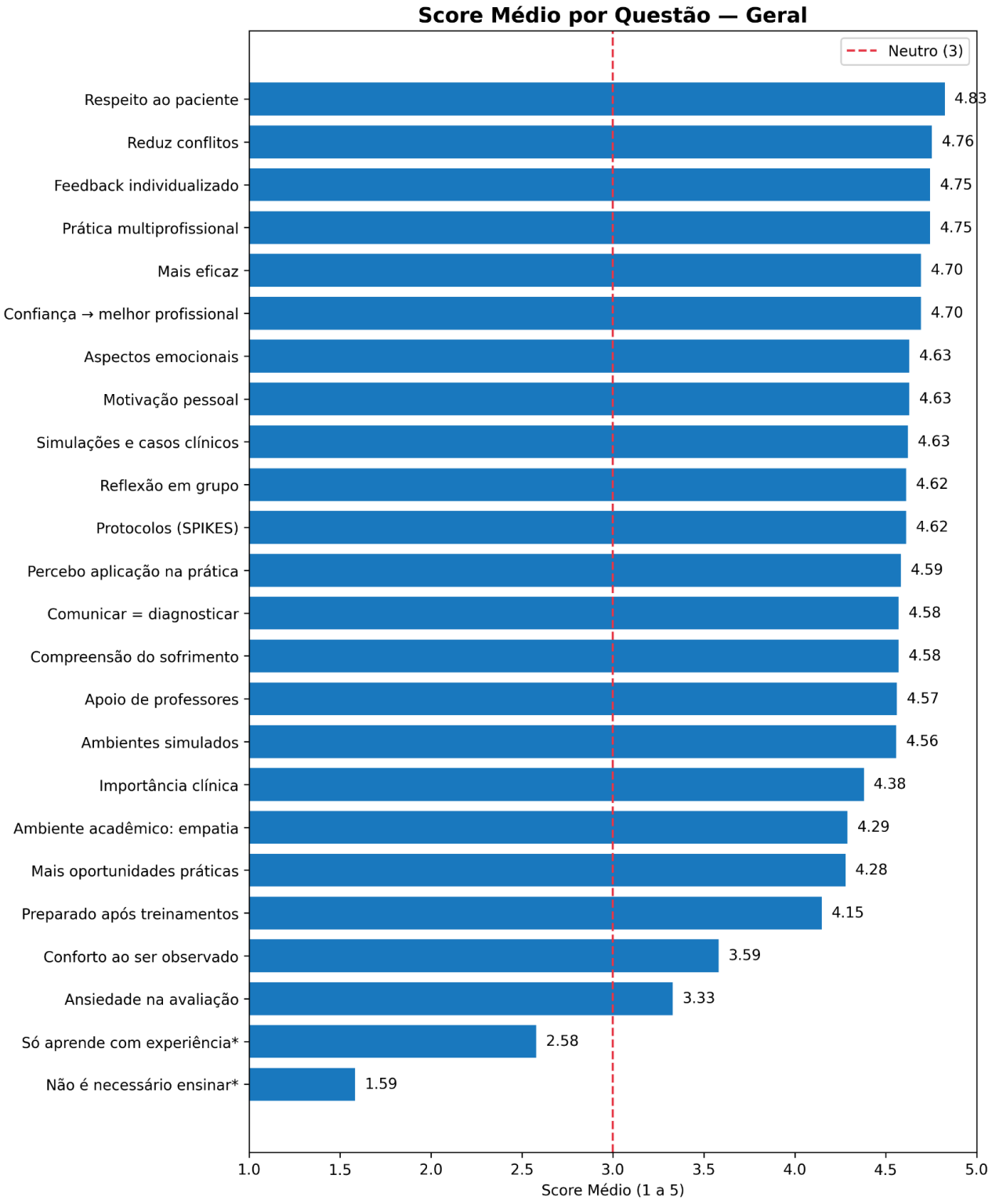
Psicologia	15 (60%)	9 (36%)	-	1 (4%)	-
Considero que receber feedback individualizado após simulações ou atendimentos clínicos melhora minhas habilidades de comunicação.					
Enfermagem	30 (76.9%)	8 (20.5%)	1 (2.6%)	-	-
Medicina	26 (76.5%)	8 (23.5%)	-	-	-
Psicologia	19 (73.1%)	7 (26.9%)	-	-	-
Sinto que o ambiente acadêmico estimula a empatia e a escuta ativa com os pacientes.					
Enfermagem	28 (71.8%)	9 (23.1%)	2 (5.1%)	-	-
Medicina	18 (52.9%)	9 (26.5%)	2 (5.9%)	5 (14.7%)	-
Psicologia	11 (42.3%)	6 (23.1%)	4 (15.4%)	5 (19.2%)	-
O apoio dos professores e preceptores influencia positivamente minha forma de comunicar más notícias.					
Enfermagem	28 (71.8%)	11 (28.2%)	-	-	-
Medicina	20 (58.8%)	12 (35.3%)	-	1 (2.9%)	1 (2.9%)
Psicologia	16 (61.5%)	7 (26.9%)	3 (11.5%)	-	-
Ter boas habilidades de comunicação ajuda a reduzir conflitos com pacientes e familiares.					
Enfermagem	30 (76.9%)	9 (23.1%)	-	-	-
Medicina	29 (85.3%)	5 (14.7%)	-	-	-
Psicologia	19 (73.1%)	4 (15.4%)	3 (11.5%)	-	-
Aprender habilidades de comunicação é útil para a prática em equipe multiprofissional.					
Enfermagem	29 (74.4%)	10 (25.6%)	-	-	-
Medicina	26 (76.5%)	7 (20.6%)	1 (2.9%)	-	-

Psicologia	22 (84.6%)	2 (7.7%)	2 (7.7%)	-	-
Sinto-me motivado(a) a melhorar minha capacidade de comunicação com os pacientes.					
Enfermagem	24 (63.2%)	13 (34.2%)	1 (2.6%)	-	-
Medicina	24 (70.6%)	8 (23.5%)	2 (5.9%)	-	-
Psicologia	18 (69.2%)	7 (26.9%)	1 (3.8%)	-	-
Acredito que minha instituição poderia oferecer mais oportunidades práticas para o desenvolvimento da comunicação com pacientes oncológicos.					
Enfermagem	17 (43.6%)	15 (38.5%)	6 (15.4%)	1 (2.6%)	-
Medicina	17 (50%)	7 (20.6%)	10 (29.4%)	-	-
Psicologia	14 (53.8%)	10 (38.5%)	2 (7.7%)	-	-
Consigo perceber como as habilidades de comunicação se aplicam na prática clínica.					
Enfermagem	23 (59%)	15 (38.5%)	1 (2.6%)	-	-
Medicina	22 (64.7%)	11 (32.4%)	-	1 (2.9%)	-
Psicologia	17 (65.4%)	8 (30.8%)	1 (3.8%)	-	-

Fonte: Elaborado pelos autores.

A Figura 1 apresenta o score médio das respostas para cada afirmação da escala Likert. Observou-se maior concordância nas afirmações relacionadas ao respeito ao paciente (4,83), redução de conflitos (4,76), feedback individualizado (4,75) e prática multiprofissional (4,75). Em contraste, as menores médias foram observadas nas afirmações de que as habilidades de comunicação só podem ser desenvolvidas com a experiência (2,58) e de que não é necessário ensinar habilidades de comunicação na graduação (1,59), evidenciando ampla discordância dos participantes.

Figura 1. Score médio das respostas às afirmações da escala Likert, geral.



Fonte: Elaborado pelos autores.

4 DISCUSSÃO

A importância das habilidades de comunicação na formação em saúde

O principal achado deste estudo foi a elevada valorização das habilidades de comunicação entre estudantes de Enfermagem, Medicina e Psicologia. As respostas evidenciaram amplo reconhecimento da comunicação como competência essencial para a prática profissional, destacando-se sua contribuição para o respeito ao paciente, para a compreensão dos aspectos emocionais do cuidado e para a qualidade da assistência. Observou-se que todos os participantes concordaram que aprender habilidades de comunicação contribui para respeitar mais os pacientes, sendo que 82,8% concordaram totalmente e 17,2% concordaram com essa afirmação.

Da mesma forma, 97,0% dos estudantes reconheceram que praticar a comunicação clínica favorece a compreensão do sofrimento do paciente. Percentual igualmente elevado foi observado para as afirmações de que a confiança ao se comunicar contribui para torná-los profissionais melhores, de que aprender habilidades de comunicação os torna mais eficazes e de que essas competências favorecem a prática em equipe multiprofissional. Além disso, 97,0% dos participantes também reconheceram que boas habilidades de comunicação contribuem para reduzir conflitos entre profissionais, pacientes e familiares.

Esses achados evidenciam que os estudantes compreendem a comunicação como uma competência transversal à prática em saúde, ultrapassando sua função de transmissão de informações e reconhecendo seu papel na construção do vínculo terapêutico, na humanização da assistência e na qualidade do cuidado. Essa percepção torna-se particularmente relevante no contexto da comunicação de más notícias, na qual aspectos técnicos e emocionais se entrelaçam e exigem dos profissionais sensibilidade, escuta ativa e capacidade de estabelecer relações de confiança com pacientes e familiares.

Os achados do presente estudo corroboram os descritos por Rossi e Batista[20], que defendem que o ensino da comunicação deve ocupar posição central na formação dos profissionais de saúde. Segundo os autores, comunicar-se adequadamente constitui uma competência clínica que influencia diretamente a relação profissional-paciente, favorecendo maior compreensão das necessidades do indivíduo e promovendo um cuidado mais humanizado. De maneira semelhante, Rees, Sheard e Davies[21], ao desenvolverem a *Communication Skills Attitude Scale* (CSAS), observaram que estudantes que atribuem maior

importância às habilidades de comunicação tendem a apresentar atitudes mais positivas em relação ao seu aprendizado, reconhecendo sua influência na qualidade da assistência prestada.

A elevada valorização observada neste estudo também é consistente com os achados de Soares et al.[13], que identificaram que estudantes e docentes de Enfermagem reconhecem a comunicação como elemento fundamental para o cuidado integral e para o fortalecimento do letramento em saúde. Os autores ressaltam que a comunicação qualificada favorece não apenas a transmissão de informações, mas também a construção de relações de confiança, a participação ativa do paciente nas decisões terapêuticas e a promoção de uma assistência mais resolutiva. Esses resultados reforçam os achados desta pesquisa, especialmente quanto à elevada concordância dos estudantes sobre a contribuição das habilidades comunicacionais para o respeito ao paciente e para a compreensão do sofrimento humano.

Da mesma forma, os resultados também dialogam com a abordagem centrada na pessoa descrita por Vanessa Jaqueline, Fabio e Carlos Alexandre[9], que defendem que comunicar más notícias vai além da transmissão de um diagnóstico ou prognóstico desfavorável. Segundo os autores, uma comunicação adequada pressupõe o reconhecimento da singularidade do paciente, o acolhimento de suas necessidades emocionais e o compartilhamento das decisões terapêuticas, permitindo que o indivíduo participe ativamente do processo de cuidado. Essa perspectiva encontra respaldo nos resultados deste estudo, especialmente considerando que praticamente todos os participantes reconheceram que as habilidades comunicacionais favorecem a prática multiprofissional, reduzem conflitos e tornam o profissional mais eficaz.

No contexto da oncologia, esses achados tornam-se ainda mais relevantes. O aumento da incidência de câncer estimado para o Brasil no triênio 2026–2028 implica maior demanda por profissionais capazes de comunicar diagnósticos, prognósticos e mudanças terapêuticas de forma ética e humanizada[6]. Nesse cenário, a comunicação deixa de ser uma habilidade complementar e passa a constituir competência indispensável para a assistência integral ao paciente oncológico. Anacleto, Cecchetto e Riegel[11] reforçam essa perspectiva ao destacar que o cuidado humanizado em oncologia depende da capacidade dos profissionais de estabelecer comunicação clara, empática e acolhedora durante todas as etapas do tratamento.

Embora o presente estudo tenha demonstrado elevada valorização das habilidades de comunicação entre os participantes, esses resultados não significam, necessariamente, que os

estudantes se sintam plenamente preparados para utilizá-las na prática clínica. Reconhecer a importância da comunicação representa um passo fundamental, porém insuficiente para garantir seu adequado desempenho em situações complexas, como a comunicação de más notícias. Nesse sentido, além de reconhecerem sua importância, torna-se relevante compreender se os estudantes acreditam que essas competências podem ser desenvolvidas durante a graduação e quais estratégias de ensino consideram mais eficazes para esse processo, aspectos discutidos no próximo tópico.

A comunicação de más notícias pode ser ensinada: percepção dos estudantes sobre a formação acadêmica

Um dos resultados mais relevantes deste estudo foi a percepção dos estudantes de que as habilidades de comunicação podem e devem ser desenvolvidas durante a graduação. A maioria dos participantes rejeitou a ideia de que essas competências dependem exclusivamente da experiência profissional. Observou-se que 63,3% dos estudantes discordaram da afirmação de que as habilidades de comunicação clínicas só podem ser desenvolvidas com a experiência, enquanto apenas 24,5% concordaram com essa ideia. De forma ainda mais expressiva, 85,8% discordaram da afirmação de que não é necessário ensinar habilidades de comunicação na graduação em saúde, evidenciando amplo reconhecimento da importância do ensino formal dessas competências.

Esses achados sugerem que os estudantes reconhecem a comunicação de más notícias como uma competência passível de desenvolvimento durante a graduação, em contraste com a concepção tradicional de que essa habilidade era adquirida predominantemente por meio da experiência clínica e da observação de profissionais mais experientes.[2,22] Essa compreensão é consistente com a literatura, que demonstra que o desenvolvimento das competências comunicacionais exige planejamento pedagógico, treinamento sistemático e oportunidades de prática supervisionada ao longo da formação acadêmica.[2,22]

Essa percepção está de acordo com o estudo de Vogel et al.[1], que descreve a comunicação de más notícias como uma competência essencial na graduação médica e defende sua inserção longitudinal nos currículos dos cursos da área da saúde. Segundo os autores, limitar o desenvolvimento dessa habilidade apenas às experiências práticas pode gerar profissionais inseguros e despreparados para lidar com situações de elevada carga emocional. Os resultados deste estudo reforçam essa perspectiva, uma vez que a ampla

maioria dos estudantes reconheceu a necessidade do ensino formal dessas competências ainda durante a graduação.

De maneira semelhante, Ferreira et al.[15] observaram que estudantes de Medicina reconhecem a importância da comunicação de más notícias para a prática profissional, porém apontam lacunas na própria formação e relatam necessidade de maior preparo para conduzir esse tipo de conversa. Os autores destacam que a autopercepção dos estudantes nem sempre corresponde à complexidade das situações enfrentadas na prática clínica, indicando que o desenvolvimento das habilidades comunicacionais deve ocorrer de forma contínua e progressiva. Esse achado é consistente com os resultados deste estudo, no qual, apesar da elevada valorização da comunicação, parte dos participantes ainda demonstrou insegurança quanto ao preparo para conversar com pacientes em situações difíceis, aspecto discutido posteriormente.

Resultados semelhantes também foram descritos por Dias e Pio[24], que identificaram que estudantes de Medicina compreendem a comunicação de más notícias como uma competência indispensável para o exercício profissional, mas consideram insuficiente o treinamento recebido durante a graduação. Segundo os autores, os estudantes desejam maior inserção de atividades práticas, simulações e momentos de reflexão sobre experiências vivenciadas nos cenários de prática. Essa necessidade também foi identificada no presente estudo, em que 80,8% dos participantes afirmaram que sua instituição poderia oferecer mais oportunidades práticas para o desenvolvimento da comunicação com pacientes oncológicos, enquanto 18,2% permaneceram neutros, sugerindo que ainda existem expectativas quanto ao fortalecimento dessas experiências durante a formação.

A percepção dos estudantes desta pesquisa também encontra respaldo em Isquierdo, Bilek e Guirro[17], que destacam que o ensino da comunicação de más notícias deve iniciar precocemente e acompanhar todo o processo de formação profissional. Os autores argumentam que a aprendizagem dessa competência não pode estar restrita aos últimos períodos da graduação ou depender exclusivamente dos estágios clínicos, sendo necessária sua integração contínua às disciplinas teóricas e práticas.

Na mesma direção, Pimentel et al.[16] defendem que o desenvolvimento das competências relacionais exige estratégias educacionais permanentes e articuladas entre diferentes componentes curriculares. Segundo os autores, a comunicação de más notícias

envolve conhecimentos técnicos, habilidades interpessoais e competências emocionais que precisam ser trabalhadas de forma integrada ao longo da graduação. Essa perspectiva corrobora os resultados encontrados neste estudo, uma vez que os estudantes não apenas reconhecem a importância da comunicação, mas também atribuem grande valor ao ensino estruturado dessa competência.

Além disso, ao comparar os cursos, observou-se que estudantes de Psicologia apresentaram maior discordância em relação à ideia de que as habilidades de comunicação são adquiridas exclusivamente pela experiência (72,0% de discordância), seguidos pelos estudantes de Enfermagem (64,1%) e Medicina (55,9%). Da mesma forma, a Psicologia apresentou a maior rejeição à afirmação de que não seria necessário ensinar habilidades de comunicação durante a graduação (96,2% de discordância), seguida por Enfermagem (87,2%) e Medicina (76,5%).

Embora as diferenças observadas entre os cursos não tenham sido submetidas à análise inferencial, os resultados sugerem que estudantes das três graduações compartilham uma percepção favorável quanto à importância do ensino formal da comunicação, ainda que com diferentes níveis de concordância. Essas diferenças podem refletir particularidades das experiências formativas e dos projetos pedagógicos de cada curso.

Em conjunto, esses resultados reforçam que os estudantes não compreendem a comunicação de más notícias como uma habilidade exclusivamente inata ou dependente da experiência clínica. Ao contrário, reconhecem que essa competência pode ser desenvolvida durante a graduação, desde que existam estratégias pedagógicas capazes de integrar conhecimentos teóricos, prática supervisionada e reflexão crítica. Diante desse cenário, torna-se fundamental compreender quais metodologias de ensino são percebidas pelos estudantes como mais eficazes para o desenvolvimento dessas competências, tema abordado no próximo tópico.

Estratégias de ensino para o desenvolvimento das habilidades de comunicação

Além de reconhecerem a importância do ensino formal das habilidades de comunicação, os estudantes deste estudo demonstraram elevada concordância quanto às metodologias utilizadas para seu desenvolvimento durante a graduação. As estratégias mais bem avaliadas foram o feedback individualizado (99,0% de concordância), os estudos de caso

e simulações clínicas (98,9%), as discussões ou reflexões em grupo após experiências clínicas (97,0%), o uso de protocolos estruturados, como o SPIKES (94,0%), e a prática em ambientes simulados (93,9%). Esses resultados evidenciam que os participantes valorizam metodologias ativas, nas quais o estudante assume papel protagonista no processo de aprendizagem e desenvolve habilidades de comunicação por meio da reflexão, da prática e da interação com situações próximas da realidade clínica.

A elevada concordância observada em relação aos estudos de caso e às simulações clínicas demonstra que os estudantes reconhecem a importância da aprendizagem experiencial para o desenvolvimento das habilidades de comunicação. Diferentemente das abordagens exclusivamente teóricas, essas estratégias permitem que o estudante vivencie situações complexas, reflita sobre sua atuação e desenvolva habilidades técnicas e emocionais em um ambiente seguro. Esse resultado está de acordo com a revisão sistemática realizada por Camargo et al.[2], que identificou as metodologias ativas, especialmente as simulações clínicas, como uma das estratégias mais eficazes para o ensino da comunicação de más notícias. Segundo os autores, atividades práticas favorecem maior confiança, desenvolvimento da empatia e melhor desempenho na condução de conversas difíceis quando comparadas ao ensino exclusivamente expositivo.

De forma semelhante, Nonino, Magalhães e Falcão[22] destacam que o treinamento baseado em simulações, dramatizações e discussão de casos possibilita que os estudantes desenvolvam habilidades de comunicação antes do contato com situações reais, reduzindo a insegurança e favorecendo maior preparo para a prática clínica. Essa perspectiva é compatível com os achados do presente estudo, uma vez que praticamente todos os participantes reconheceram a importância dessas metodologias para sua formação.

Outro resultado que merece destaque refere-se à elevada aceitação do protocolo SPIKES como ferramenta para o ensino da comunicação de más notícias. Neste estudo, 94,0% dos estudantes concordaram que protocolos estruturados contribuem para melhorar essa comunicação, demonstrando reconhecimento da importância de instrumentos que orientem o profissional durante conversas de elevada complexidade emocional. Esse resultado está em consonância com Baile et al.[19], que desenvolveram o protocolo SPIKES com o objetivo de oferecer uma abordagem sistematizada para a comunicação de más notícias, contemplando aspectos como preparação do ambiente, identificação das necessidades do paciente, transmissão gradual das informações, acolhimento das emoções e planejamento

conjunto das condutas.

Posteriormente, Baile e Aaron[25] reforçaram que o SPIKES não deve ser compreendido como um roteiro rígido, mas como um guia capaz de organizar a comunicação, favorecer maior segurança do profissional e promover uma assistência mais centrada no paciente. Mais recentemente, Martins et al.[14], em revisão sobre o protocolo SPIKES, observaram que sua utilização durante a graduação contribui para maior confiança dos estudantes e melhora a qualidade da comunicação em cenários simulados e reais. Da mesma forma, Maia, Nogueira e Dias[26] destacam que o SPIKES permanece como o protocolo mais difundido para o ensino da comunicação de más notícias, especialmente quando associado a metodologias ativas, como simulações e dramatizações.

Entre todas as estratégias avaliadas, o feedback individualizado apresentou a maior frequência de concordância deste estudo (99,0%), demonstrando que os estudantes reconhecem a importância de receber orientações após atividades práticas para aperfeiçoar seu desempenho comunicacional. Esse resultado reforça que o desenvolvimento das habilidades de comunicação não depende apenas da realização de simulações ou atendimentos clínicos, mas também da oportunidade de refletir criticamente sobre a própria atuação.

Essa percepção encontra respaldo em Zeferino, Domingues e Amaral[27], que descrevem o feedback como um dos instrumentos mais importantes do processo de ensino-aprendizagem na formação em saúde. Segundo os autores, quando realizado de maneira específica, construtiva e baseada na observação direta do desempenho, o feedback favorece o desenvolvimento progressivo de habilidades clínicas e comunicacionais, permitindo que o estudante reconheça suas potencialidades e identifique aspectos que necessitam de aperfeiçoamento.

De forma semelhante, Hartuique et al.[28] demonstraram em seu estudo que o feedback formativo exerce papel importante no desenvolvimento da autorregulação da aprendizagem, estimulando o estudante a refletir sobre seu desempenho e assumir postura mais ativa na construção do próprio conhecimento. Os autores destacam ainda que o feedback produz melhores resultados quando integrado às metodologias ativas e acompanhado de oportunidades para reaplicação das habilidades desenvolvidas.

Outro aspecto relevante refere-se às discussões e reflexões em grupo após experiências clínicas. No presente estudo, 97,0% dos participantes reconheceram a utilidade dessa

estratégia para aprimorar sua comunicação. Esse resultado evidencia que os estudantes valorizam espaços coletivos de aprendizagem, nos quais possam compartilhar experiências, discutir dificuldades e refletir sobre diferentes formas de conduzir situações complexas. Essa prática é apontada por Camargo et al.[2] e Nonino et al.[22] como componente fundamental do ensino da comunicação de más notícias, uma vez que favorece o desenvolvimento do raciocínio clínico, da empatia e da capacidade de lidar com diferentes respostas emocionais dos pacientes.

Em conjunto, esses resultados demonstram que os estudantes não apenas reconhecem a importância da comunicação de más notícias, mas também identificam quais estratégias educacionais consideram mais eficazes para o desenvolvimento dessa competência. A elevada valorização de simulações, protocolos estruturados, feedback e discussões reflexivas reforça que o ensino da comunicação deve ir além da abordagem teórica, incorporando metodologias que aproximem o estudante da realidade clínica e possibilitem o desenvolvimento simultâneo de competências técnicas, éticas e relacionais.

Entretanto, embora essas estratégias tenham sido amplamente reconhecidas como importantes, apenas 35,4% dos estudantes concordaram totalmente e 51,5% concordaram sentir-se preparados para conversar com pacientes em situações difíceis após treinamentos, indicando que, apesar da elevada valorização dessas metodologias, ainda existem oportunidades para fortalecer sua implementação durante a graduação. Dessa forma, torna-se necessário compreender como os estudantes percebem seu próprio preparo e de que maneira o ambiente acadêmico influencia esse processo, aspectos discutidos a seguir.

Preparo dos estudantes e influência do ambiente acadêmico no desenvolvimento das habilidades de comunicação

Embora os participantes tenham demonstrado elevada valorização das habilidades de comunicação e das estratégias de ensino voltadas ao seu desenvolvimento, os resultados deste estudo indicam que essa percepção nem sempre é acompanhada pela sensação de preparo para enfrentar situações clínicas complexas. Em relação à afirmação de que se sentiam preparados para conversar com pacientes em situações difíceis após os treinamentos, 86,9% dos estudantes apresentaram respostas favoráveis, sendo 35,4% de concordância total e 51,5% de concordância. Entretanto, 6,1% permaneceram neutros e 7,1% discordaram dessa afirmação, indicando que aproximadamente um em cada sete participantes ainda não se percebe

plenamente preparado para conduzir esse tipo de comunicação.

Esse resultado evidencia que reconhecer a importância das habilidades de comunicação não significa, necessariamente, sentir-se seguro para utilizá-las na prática clínica. A comunicação de más notícias envolve situações marcadas por elevada carga emocional, incertezas e necessidade de tomada de decisão compartilhada, exigindo do profissional competências técnicas, relacionais e emocionais que nem sempre são plenamente desenvolvidas durante a graduação.

Essa percepção também foi observada por Ferreira et al.[15], que identificaram que estudantes de Medicina reconhecem a relevância da comunicação de más notícias, porém demonstram insegurança quanto à própria capacidade de conduzir essas situações. Os autores ressaltam que essa insegurança está frequentemente relacionada à limitada exposição a cenários reais de comunicação, à escassez de atividades práticas e à pouca oportunidade de receber supervisão durante a formação acadêmica. Esses achados são consistentes com os resultados do presente estudo, sugerindo que o desenvolvimento das habilidades comunicacionais depende não apenas do conhecimento teórico, mas também da vivência prática e da reflexão sobre experiências clínicas.

Da mesma forma, Sombra Neto et al.[29] verificaram que estudantes de Medicina não se consideravam suficientemente preparados para comunicar más notícias, apesar de reconhecerem a importância dessa competência para a prática profissional. Segundo os autores, muitos acadêmicos relataram que o primeiro contato com esse tipo de situação ocorreu durante estágios ou internato, frequentemente sem treinamento prévio ou acompanhamento docente, o que contribuiu para sentimentos de insegurança e ansiedade. Esses resultados reforçam a necessidade de introduzir o ensino da comunicação de forma longitudinal, permitindo que os estudantes desenvolvam essas competências progressivamente ao longo da graduação.

Essa necessidade também é evidenciada pelos resultados encontrados nesta pesquisa em relação às oportunidades oferecidas pela instituição. Embora a maioria dos participantes (80,8%) tenha concordado que a instituição poderia oferecer mais oportunidades práticas para o desenvolvimento da comunicação com pacientes oncológicos, 18,2% apresentaram respostas neutras e apenas 1,0% discordou da afirmação. Esses dados sugerem que, mesmo em contextos nos quais o ensino da comunicação está presente, os estudantes percebem

espaço para ampliação das experiências práticas, especialmente em situações que envolvem comunicação de más notícias.

A literatura tem apontado que o ensino dessa competência depende de experiências repetidas e progressivas, distribuídas ao longo da formação. Pimentel et al.[16] destacam que atividades isoladas, embora importantes, não são suficientes para consolidar habilidades comunicacionais complexas. Segundo os autores, é necessária a integração entre conteúdos teóricos, metodologias ativas, prática supervisionada e momentos de reflexão crítica para que o estudante desenvolva segurança e autonomia na comunicação de situações difíceis.

Além das oportunidades práticas, o ambiente educacional também exerce influência importante sobre o desenvolvimento das habilidades comunicacionais. No presente estudo, 81,8% dos estudantes concordaram que o ambiente acadêmico estimula a empatia e a escuta ativa com os pacientes, enquanto 8,1% permaneceram neutros e 10,1% discordaram dessa afirmação. Embora a concordância tenha sido predominante, esse foi um dos menores percentuais de respostas favoráveis observados na escala, indicando que parte dos participantes não percebe o ambiente acadêmico como plenamente favorável ao desenvolvimento dessas competências.

Nesse contexto, Soares et al.[13] ressaltam que o desenvolvimento das habilidades comunicacionais depende não apenas das estratégias pedagógicas adotadas, mas também da cultura institucional e da forma como docentes e preceptores incorporam a comunicação em sua prática educativa. Segundo os autores, ambientes que favorecem o diálogo, a reflexão crítica e a participação ativa dos estudantes tendem a estimular maior desenvolvimento da comunicação e do cuidado centrado no paciente.

Esse aspecto também pode ser observado na elevada valorização atribuída ao papel dos professores e preceptores neste estudo. Aproximadamente 94,9% dos participantes reconheceram que o apoio docente influencia positivamente sua forma de comunicar más notícias. Esse resultado reforça que o professor não atua apenas como transmissor de conhecimentos, mas também como facilitador da aprendizagem e modelo de comportamento profissional, influenciando a forma como os estudantes observam, aprendem e reproduzem estratégias de comunicação durante sua formação.

Dessa forma, os resultados desta pesquisa sugerem que o desenvolvimento das habilidades de comunicação depende da articulação entre diferentes elementos do processo

formativo, incluindo oportunidades práticas, metodologias ativas, acompanhamento docente e um ambiente acadêmico que estimule a empatia, a escuta qualificada e a reflexão crítica. Embora os estudantes demonstrem atitudes amplamente favoráveis em relação à comunicação, permanece evidente a necessidade de fortalecer experiências práticas distribuídas longitudinalmente ao longo da graduação, especialmente no contexto da comunicação de más notícias.

Diferenças na percepção entre estudantes de Enfermagem, Medicina e Psicologia

Embora os estudantes dos três cursos tenham apresentado elevada valorização das habilidades de comunicação, a comparação entre as graduações revelou diferenças na distribuição das respostas para algumas afirmações, especialmente aquelas relacionadas ao ensino da comunicação, ao ambiente acadêmico e às oportunidades de aprendizagem. Esses achados sugerem que, embora exista consenso quanto à importância das habilidades de comunicação na prática em saúde, a forma como essa competência é desenvolvida e percebida durante a graduação pode variar entre os cursos.

Uma das diferenças mais expressivas foi observada na percepção de que as habilidades de comunicação podem ser ensinadas. Entre os estudantes de Psicologia, 72,0% discordaram da afirmação de que essas habilidades são desenvolvidas apenas com a experiência, percentual superior ao observado entre estudantes de Enfermagem (64,1%) e Medicina (55,9%). Da mesma forma, a Psicologia apresentou a maior discordância em relação à afirmação de que não seria necessário ensinar habilidades de comunicação durante a graduação (96,2%), seguida por Enfermagem (87,2%) e Medicina (76,5%). Esses resultados demonstram que, independentemente da graduação, prevaleceu a percepção de que a comunicação constitui uma competência passível de aprendizagem, embora essa compreensão tenha sido mais evidente entre os estudantes de Psicologia.

Os maiores percentuais de discordância observados entre os estudantes de Psicologia podem estar relacionados às características tradicionalmente descritas na formação desse curso, que valoriza processos de escuta, acolhimento, vínculo terapêutico e compreensão das experiências subjetivas dos indivíduos. Segundo Gobbi[12], a comunicação de más notícias envolve muito mais do que a transmissão de informações, exigindo capacidade de acolher emoções, compreender o sofrimento e estabelecer uma relação terapêutica baseada na empatia. De maneira semelhante, Gallego[30] destaca que psicólogos hospitalares percebem a

comunicação de más notícias como um processo relacional complexo, que demanda preparo técnico e emocional, escuta qualificada e reflexão constante sobre a prática profissional. Esses aspectos descritos na literatura podem contribuir para compreender por que os estudantes de Psicologia apresentaram maior rejeição à ideia de que a comunicação seja desenvolvida apenas pela experiência clínica.

Em relação aos estudantes de Enfermagem, observou-se maior concordância quanto à influência do ambiente acadêmico no desenvolvimento da empatia e da escuta ativa (94,9%) e quanto ao apoio de professores e preceptores (100%). Esses resultados sugerem que os participantes desse curso percebem maior estímulo institucional para o desenvolvimento das habilidades de comunicação. Esse achado aproxima-se dos resultados descritos por Merino et al.[29], que identificaram que estudantes de Enfermagem reconhecem a comunicação de notícias difíceis como parte essencial do cuidado, embora também relatem a necessidade de ampliar as oportunidades de treinamento durante a graduação.

De forma complementar, Cruz Santos[31] ressalta que o enfermeiro ocupa posição estratégica na comunicação de más notícias em oncologia, permanecendo ao lado do paciente durante todas as fases do tratamento e estabelecendo vínculo contínuo com pacientes e familiares. Considerando esse contexto, o desenvolvimento precoce das habilidades comunicacionais durante a graduação torna-se particularmente importante para a prática profissional do enfermeiro. Esses aspectos descritos na literatura podem contribuir para compreender a maior percepção, entre os estudantes de Enfermagem, de que o ambiente acadêmico favorece o desenvolvimento da empatia e das habilidades de comunicação.

Entre os estudantes de Medicina, observaram-se algumas particularidades. Embora tenha predominado elevada concordância em praticamente todas as afirmações, esse grupo apresentou maior frequência de respostas neutras em relação à necessidade de ampliação das oportunidades práticas oferecidas pela instituição (29,4%), percentual superior ao observado entre Enfermagem (15,4%) e Psicologia (7,7%). Além disso, os estudantes de Medicina apresentaram maior proporção de concordância com a afirmação de que as habilidades de comunicação são desenvolvidas principalmente pela experiência clínica (32,3%), quando comparados aos estudantes de Enfermagem (23,1%) e Psicologia (16,0%).

Embora o presente estudo não permita estabelecer relações causais, esses resultados podem refletir características descritas na literatura sobre a formação médica. Vogel et al.[1]

argumentam que, embora o ensino da comunicação tenha sido progressivamente incorporado aos currículos médicos, muitos estudantes ainda associam o desenvolvimento dessa competência às experiências adquiridas durante os estágios e internato. De maneira semelhante, Ferreira et al.[15] verificaram que estudantes de Medicina reconhecem a importância da comunicação de más notícias, porém frequentemente relatam insegurança e percebem limitações na formação prática recebida, sugerindo que a exposição às situações reais nem sempre é acompanhada de treinamento estruturado e supervisão adequada.

Apesar dessas diferenças, é importante destacar que todos os cursos apresentaram elevada concordância quanto à utilidade das metodologias ativas para o desenvolvimento das habilidades comunicacionais. Estratégias como simulações clínicas, estudos de caso, protocolos estruturados e feedback individualizado receberam elevada aceitação independentemente da graduação, indicando consenso entre os estudantes sobre a importância dessas abordagens para a formação profissional. Esse resultado reforça as recomendações que defendem a incorporação de metodologias ativas e treinamento longitudinal nos currículos da área da saúde, independentemente da profissão[2,22,23].

Comunicação de más notícias na oncologia: desafios para a formação dos profissionais de saúde

Os resultados deste estudo demonstram que os estudantes reconhecem amplamente a comunicação como uma competência indispensável para o cuidado em oncologia, especialmente diante da complexidade inerente à comunicação de diagnósticos, prognósticos e decisões terapêuticas. A elevada concordância observada nas afirmações relacionadas ao respeito ao paciente (100%), à compreensão do sofrimento (97,0%), à redução de conflitos (97,0%) e à prática multiprofissional (97,0%) evidencia que os participantes compreendem que a comunicação de más notícias transcende a transmissão de informações clínicas, envolvendo aspectos éticos, emocionais e relacionais fundamentais para uma assistência centrada no paciente.

A relevância desses resultados torna-se ainda mais evidente quando considerada a crescente incidência do câncer no Brasil. Refletindo o aumento da demanda por profissionais capazes de estabelecer uma comunicação efetiva ao longo de todas as etapas do tratamento[6]. Nesse contexto, a comunicação de más notícias deixa de representar uma situação excepcional e passa a fazer parte da prática cotidiana dos profissionais de saúde, reforçando a necessidade

de que essa competência seja desenvolvida desde a graduação.

Embora os estudantes deste estudo tenham demonstrado atitudes amplamente favoráveis em relação às habilidades comunicacionais, os resultados também revelaram que parte deles ainda não se sente plenamente preparada para conduzir conversas difíceis. Esse achado reforça que a comunicação de más notícias permanece como uma das competências mais complexas da prática clínica, não apenas pelo conhecimento técnico envolvido, mas principalmente pelo impacto emocional gerado tanto nos pacientes quanto nos próprios profissionais.

Os resultados encontrados neste estudo são consistentes com aqueles descritos por Ferraz et al.[7], que investigaram a percepção de médicos oncologistas e paliativistas sobre a comunicação de más notícias. Os autores observaram que, mesmo entre profissionais experientes, comunicar notícias difíceis continua sendo um dos momentos mais desafiadores da prática assistencial, exigindo preparo técnico, empatia, sensibilidade e capacidade para lidar com diferentes reações emocionais. Os achados do presente estudo são coerentes com essa realidade, ao demonstrar que os estudantes reconhecem a importância da comunicação, mas ainda percebem a necessidade de ampliar oportunidades de treinamento para desenvolver maior segurança.

Essa percepção também encontra respaldo em Warnock, Buchanan e Tod[5], que destacam que enfermeiros e outros profissionais envolvidos na comunicação de más notícias frequentemente vivenciam sentimentos de ansiedade, medo, sofrimento e insegurança, especialmente quando não receberam treinamento adequado durante sua formação. Segundo os autores, essas dificuldades podem comprometer não apenas a qualidade da comunicação, mas também o bem-estar emocional dos profissionais. Essa evidência reforça a importância dos achados deste estudo, uma vez que a elevada valorização atribuída às metodologias ativas, ao feedback e às oportunidades práticas demonstra que os estudantes reconhecem a necessidade de preparação antes da inserção na prática profissional.

Os achados desta pesquisa também são compatíveis com a perspectiva dos pacientes descrita por Melo et al.[10], que demonstraram que pacientes com prognóstico reservado valorizam uma comunicação realizada de forma clara, acolhedora, honesta e empática, considerando essas características fundamentais para o enfrentamento da doença. Segundo os autores, a maneira como a notícia é comunicada influencia diretamente a compreensão das

informações, a confiança estabelecida com a equipe e a participação do paciente nas decisões terapêuticas. Esses aspectos dialogam diretamente com os resultados deste estudo, no qual praticamente todos os estudantes reconheceram que as habilidades de comunicação favorecem o respeito ao paciente e contribuem para reduzir conflitos durante o cuidado.

Os resultados deste estudo também sugerem que parte dos estudantes ainda percebe limitações em seu preparo emocional para comunicar más notícias. Sob essa perspectiva, Gobbi[12] ressalta que comunicar uma má notícia envolve um processo relacional complexo, no qual o profissional precisa reconhecer e acolher as emoções do paciente e de seus familiares, ao mesmo tempo em que administra seus próprios sentimentos diante da situação.

De forma complementar, Gallego[30] destaca que psicólogos hospitalares compreendem a comunicação de más notícias como uma construção compartilhada entre equipe, paciente e família, exigindo preparo emocional, escuta qualificada e capacidade para manejar o sofrimento humano. Esses aspectos ajudam a compreender por que parte dos estudantes, mesmo reconhecendo a importância da comunicação, ainda demonstra insegurança quanto ao próprio preparo para atuar nessas situações.

Além dos aspectos emocionais discutidos anteriormente, a comunicação de más notícias também envolve importantes questões éticas. Geovanini e Braz[18] discutem que decisões relacionadas à revelação de diagnósticos, prognósticos e limitações terapêuticas frequentemente colocam os profissionais diante de conflitos entre autonomia, beneficência, não maleficência e respeito às preferências do paciente. Nesse sentido, o desenvolvimento das habilidades comunicacionais durante a graduação também representa uma estratégia para fortalecer a tomada de decisão ética e a prática profissional responsável, especialmente em contextos de elevada vulnerabilidade, como a oncologia.

Os resultados desta pesquisa também reforçam a importância da atuação multiprofissional na comunicação de más notícias. A elevada concordância quanto à utilidade das habilidades de comunicação para o trabalho em equipe demonstra que os estudantes reconhecem essa competência como responsabilidade compartilhada entre diferentes profissões da saúde. Essa percepção é consistente com as discussões apresentadas por Camargo et al.[2] e Dupont et al.[4], que destacam que a comunicação de más notícias deve envolver diferentes profissionais e ser desenvolvida de forma integrada ao longo da formação, favorecendo uma assistência centrada no paciente e na família.

Dessa forma, os achados do presente estudo reforçam a necessidade de compreender a comunicação de más notícias como uma competência transversal e longitudinal na formação dos profissionais da saúde. Mais do que desenvolver habilidades técnicas para transmitir informações difíceis, torna-se necessário preparar os estudantes para lidar com aspectos emocionais, éticos e relacionais envolvidos nesse processo. Nesse contexto, os resultados desta pesquisa indicam que a elevada valorização atribuída pelos estudantes às metodologias ativas, ao treinamento supervisionado, aos protocolos estruturados, ao feedback contínuo e às oportunidades de prática em cenários simulados e reais evidencia a relevância dessas estratégias para o desenvolvimento de profissionais mais seguros, empáticos e preparados para responder às demandas crescentes da assistência oncológica contemporânea.

5 CONCLUSÃO

O presente estudo alcançou seu objetivo ao analisar a perspectiva de estudantes de Enfermagem, Medicina e Psicologia sobre as habilidades de comunicação, com ênfase na comunicação de más notícias a pacientes oncológicos. Os resultados demonstraram que os estudantes reconhecem amplamente a comunicação como uma competência essencial para a prática profissional e valorizam seu desenvolvimento durante a graduação, reconhecendo sua importância para a construção de uma assistência ética, humanizada e centrada no paciente. Entretanto, embora essa percepção tenha sido amplamente positiva, parte dos participantes ainda relatou não se sentir plenamente preparada para conduzir conversas difíceis, evidenciando que ainda existem desafios relacionados ao fortalecimento do ensino prático e ao desenvolvimento da segurança necessária para atuar nessas situações.

A comparação entre estudantes dos diferentes cursos revelou que, apesar do consenso quanto à relevância das habilidades comunicacionais, existem particularidades na forma como essas competências são percebidas entre os cursos. Ainda que essas diferenças tenham sido analisadas de maneira descritiva, os resultados sugerem que aspectos inerentes aos processos formativos podem influenciar essa percepção, reforçando a importância de estratégias educacionais que respeitem as especificidades de cada graduação, sem perder de vista o caráter interdisciplinar e multiprofissional da comunicação em saúde.

Embora os resultados apresentados contribuam para ampliar a compreensão sobre a percepção de estudantes da área da saúde em relação às habilidades de comunicação e à comunicação de más notícias, eles devem ser interpretados à luz de algumas limitações. A pesquisa foi realizada em uma única instituição de ensino superior e utilizou amostra por conveniência, o que pode limitar a extrapolação dos achados para outros contextos. Além disso, o delineamento transversal e a análise exclusivamente descritiva não permitem estabelecer relações causais entre as variáveis investigadas. Ainda assim, o estudo apresenta como principal fortaleza a comparação, em um mesmo contexto institucional, da percepção de estudantes de Enfermagem, Medicina e Psicologia acerca das habilidades de comunicação e da comunicação de más notícias, abordagem ainda pouco explorada na literatura.

Este estudo contribui para a literatura ao comparar, em um mesmo contexto institucional, a percepção dos estudantes acerca das habilidades de comunicação e da comunicação de más notícias, abordagem ainda pouco explorada na literatura. Ao evidenciar

tanto as semelhanças quanto às particularidades entre os cursos, a pesquisa amplia a compreensão sobre a formação multiprofissional e oferece subsídios para o planejamento e o aprimoramento de estratégias educacionais voltadas ao desenvolvimento das habilidades comunicacionais na graduação.

Nesse contexto, o presente estudo contribui para ampliar a compreensão sobre a formação multiprofissional, ao apresentar evidências descritivas sobre semelhanças e particularidades na percepção de estudantes de Enfermagem, Medicina e Psicologia. Esses resultados sugerem que estratégias educacionais voltadas ao desenvolvimento das habilidades de comunicação podem ser planejadas considerando as especificidades de cada curso, preservando, entretanto, o caráter interdisciplinar dessa competência, essencial para todos os profissionais envolvidos no cuidado.

Diante desse cenário, fortalecer o ensino das habilidades de comunicação, especialmente no contexto da comunicação de más notícias, representa não apenas uma necessidade curricular, mas um compromisso com a formação de profissionais capazes de oferecer um cuidado tecnicamente qualificado, eticamente responsável e verdadeiramente centrado no paciente.

6 REFERÊNCIAS

1. Vogel KP, Silva JHG da, Ferreira LC, Machado LC. Comunicação de Más Notícias: Ferramenta Essencial na Graduação Médica. Revista Brasileira de Educação Médica. 2019;43(1 suppl 1):314–21.

2. Camargo NC, Lima MG de, Brietzke E, Mucci S, Góis AFT de. Teaching how to deliver bad news: a systematic review. Revista Bioética. 2019 Jun;27(2):326–40.

3. Henok Fisseha, Wudneh Mulugeta, Rodas A Kassu, Temesgen Geleta, Hailemichael Desalegn. Perspectives of Protocol Based Breaking Bad News among Medical Patients and Physicians in Teaching Hospital, Ethiopia. Ethiopian Journal of Health Sciences. 2020 Nov 1;30(6).

4. Dupont P, El-DineGP, Santos SKZ dos. Relevância da comunicação de más notícias pelo profissional da saúde de maneira adequada: revisão narrativa. REAS [Internet]. 5set.2021 [citado 23maio2024];13(9):e8695.

5. Warnock C, Buchanan J, TOD AM. The difficulties experienced by nurses and healthcare staff involved in the process of breaking bad news. Journal of Advanced Nursing [Internet]. 2017 Feb 14;73(7):1632–45. Available from: https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/jan.13252

6. Perfil Epidemiológico da Incidência de Câncer no Brasil e Regiões: Estimativas para o Triênio 2026-2028. Revista Brasileira de Cancerologia [Internet]. Inca.gov.br. 2026 [cited 2026 Aug 21].

7. Ferraz MAG, Chaves BA, Silva DP, Jordán A de PW, Barbosa LNF. Comunicação de más notícias na perspectiva de médicos oncologistas e paliativistas. Revista Brasileira de Educação Médica [Internet]. 2022 Jul 18;46.

8. Farber NJ, Urban SY, Collier VU, Weiner J, Polite RG, Davis EB, et al. The Good News About Giving Bad News to Patients. Journal of General Internal Medicine [Internet]. 2002 Dec 1;17(12):914–22.

9. Vanessa Jaqueline C, Fabio SC, Carlos Alexandre Curylofo C. A comunicação de más notícias em saúde: aproximações com a abordagem centrada na pessoa. PHENOMENOLOGICAL STUDIES-Revista da Abordagem Gestáltica [Internet]. 2019;25(1):92–102.

10. Melo C de F, Magalhães MR de AL, Meneses LMS de, Alves RSF, Magalhães JJC. Comunicação de más notícias no trabalho médico: um olhar do paciente com prognóstico reservado. Trabalho, Educação e Saúde [Internet]. 2022 17;20.

11. Anacleto G, Cecchetto FH, Riegel F. Cuidado de enfermagem humanizado ao paciente oncológico: revisão integrativa. Revista Enfermagem Contemporânea [Internet]. 2020 Apr 27;9(2):246–54.

12. Gobbi MB. Comunicação de más notícias: um olhar da psicologia. Diaphora. 2020;9(2):66–9.

13. Soares AKF; Sá CHC, Lima RS; Barros MS; Coriolano-Marinus MWL. Comunicação em saúde nas vivências de discentes e docentes de Enfermagem: contribuições para o letramento em saúde. Ciência & Saúde Coletiva. 2022;27(5):1753–62.

14. Martins NQB, Thomazini MG, Rodrigues MT, Matos MS, Souto RR. Comunicação de más notícias através do protocolo SPIKES: uma revisão bibliográfica. Revista Master - Ensino, Pesquisa e Extensão [Internet]. 2023 Sep 26 [cited 2023 Dec 25];8(15)

15. Ferreira EAL, Brida FD, Curcelli EM, Valete COS. Comunicação de más notícias: autopercepção de estudantes de medicina. Revista Bioética [Internet]. 5 de abril de 2022 [citado 10 de maio de 2025];30(1).

16. Pimentel L, Dantas M, Pimenta J, Santos D, Moreira S. Comunicação de notícias difíceis na formação médica: desenvolvendo competências relacionais: comunicação de más notícias e educação médica. Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco [Internet]. 6 de março de 2020 [citado 10 de maio de 2025];10(21):84–102.

17. Isquierdo APR, Bilek ES, Guirro ÚB do P. Comunicação de más notícias: do ensino médico à prática. Revista Bioética [Internet]. 21 de junho de 2021 [citado 10 de maio de 2025];29(2).

18. Geovanini F, Braz B. Conflitos éticos na comunicação de más notícias em oncologia. Revista Bioética [Internet]. 2013 [citado 10 de maio de 2025];21(3).

19. Baile WF. SPIKES--A Six-Step Protocol for Delivering Bad News: Application to the Patient with Cancer. The Oncologist [Internet]. 2000 Aug 1;5(4):302–11.

20. Rossi PS, Batista NA. O ensino da comunicação na graduação em medicina: uma abordagem. Interface - Comunicação, Saúde, Educação. 2006 June;10(19):93–102.

21. Rees C, Sheard C, Davies S. The development of a scale to measure medical students" attitudes towards communication skills learning: the Communication Skills Attitude Scale (CSAS). Medical Education. 2002 Feb;36(2):141–7.

22. Nonino A, Magalhães SG, Falcão DP. Treinamento médico para comunicação de más notícias: revisão da literatura. Revista Brasileira de Educação Médica [Internet]. 2012 June [cited 2026 July 7];36(2):228–33.

23. Baile WF, Aaron J. Patient-physician communication in oncology: past, present, and future. Current Opinion in Oncology. 2005 July;17(4):331–5.

24. Dias NC, Pio DAM. Percepção dos estudantes de Medicina sobre comunicação de más notícias na formação médica. Rev Bras Educ Med. 2019;43(Suppl 1):254-64.

25. Sombra Neto LL, Silva VLL, Lima CDC, Moura HTM, Gonçalves ALM, Pires APB, et al. Habilidade de comunicação da má notícia: o estudante de medicina está preparado? Rev Bras Educ Med. 2017;41(2):260-8.

26. Merino L, Amorim CBG, Avancini RC, Lima FG, Luiz EL. Comunicação de notícias difíceis na atenção básica à saúde: percepção dos estudantes de enfermagem. Rev Enferm UERJ. 2021;29:e55390.

27. Gallego PB. Comunicação de más notícias no campo da saúde: revisão integrativa e pesquisa clínico-qualitativa com psicólogos hospitalares. Repositorioufubr [Internet]. 2023.

28. Maia RS, Nogueira CPV, Dias TA. Protocolos de comunicação de más notícias em saúde: revisão da literatura. Id Online Rev Psicol. 2025;19(76):101-14.

29. Zeferino AMB, Domingues RCL, Amaral E. Feedback as a teaching/learning strategy in medical education. Rev Bras Educ Med. 2007;31(2):176-9.

30. Hartuique HC de O da C, Garcia CL, Figueiredo AB, Araújo VS, Rocha M de A, Carvalho LM de, Gusso G da SP, Coelho HR. A Influência do Feedback Formativo no Desenvolvimento da Autorregulação da Aprendizagem na Formação Médica. SaudColetiv (Barueri) [Internet]. 28º de março de 2025 [citado 7º de julho de 2026];15(94):15399-424.

31. Santos RC. Atuação do enfermeiro na comunicação de más notícias em Oncologia: uma revisão bibliográfica. Rev Eixos Tech. 2023;9(1)